

PESQUISAS SOBRE O USO DE DICIONÁRIOS PARA APRENDIZES

Herbert Andreas Welker
Universidade de Brasília
hawelker@yahoo.com

Resumo: Haja vista que, ao falar do uso de dicionários e de pesquisas sobre tal uso, certos autores fazem generalizações inapropriadas, este artigo pretende, primeiro, chamar a atenção para as diferenças existentes nos trabalhos e pesquisas sobre o assunto. Em seguida, são abordados os diversos métodos e objetivos dos estudos realizados nessa área. Finalmente, resumem-se algumas pesquisas sobre o uso de dicionários para aprendizes a fim de mostrar, através de tais exemplos, quais tipos de investigações têm sido efetuados a nível internacional e a que resultados se tem chegado.

Palavras-chave: Lexicografia; dicionários; uso de dicionários.

Abstract: When speaking about dictionary use and research into it, some authors make inappropriate generalizations. Therefore, the first aim of this article is to attract attention to the differences that exist among various types of publications on the issue. Secondly, I deal with the main methods and aims of research done in this field. And finally, I select some examples from works on the use of learner's dictionaries in order to show what types of studies have been conducted worldwide and what results have been obtained.

Keywords: Lexicography; dictionaries; dictionary use.

1. Introdução

Uma das áreas da metalexigrafia, ou lexicografia teórica, é a pesquisa do uso de dicionários (cf. Hausmann 1985: 368; Wiegand

1989: 258; Hartmann & James 1998: 86). A ela é dedicada toda a segunda parte - quase 800 páginas - de Wiegand (1998). Resumos de diversos estudos, com observações críticas sobre os métodos utilizados, já se encontram nos breves artigos de Hartmann (1987) e de Ripfel & Wiegand (1989). Wiegand (1987) trata detalhadamente de questões teóricas, definindo, entre outros conceitos, o de *situação de uso*. Um panorama bastante abrangente encontra-se em Tono (2001), e Atkins (1998) reuniu vários trabalhos sobre o assunto.

No Brasil, o tema *uso de dicionários* ainda não suscitou muito interesse. Welker (no prelo) cita cerca de vinte autores. Apenas metade dos trabalhos relata algum tipo de investigação. Já a nível mundial, existe um número considerável de pesquisas empíricas (cf. Tono 1997, Dolezal & McCreary 1999; Welker 2004: 250ss.).¹

Obviamente, há diversos tipos de dicionários e de usuários. Desse modo, pode-se investigar a utilização, por exemplo, de dicionários bilíngües por tradutores profissionais, ou de dicionários monolíngües - de língua materna - por crianças. Levando em conta que este número de *Cadernos de Tradução* é dedicado aos dicionários pedagógicos, vou me ater a um tipo desses, a saber, aos dicionários para aprendizes (*learner's dictionaries*) ou *dicionários (monolíngües) de língua estrangeira*, DLE.

2. Diferenciação de *trabalhos*

Quando se fala em *trabalhos* sobre o uso de dicionários, é preciso distinguir duas grandes categorias:

- 1) trabalhos que não são relatos de pesquisas novas;
- 2) relatos de pesquisas (novas).

Os primeiros podem ser subdivididos em:

- 1.a) artigos de opinião;
- 1.b) artigos em que o autor expressa sua opinião e resume relatos de pesquisa, baseando sua opinião neles (também pode resumir outros artigos de opinião);

1.c) trabalhos em que (no nosso caso) o autor dá sugestões para melhorar o uso do dicionário – quer dirigindo-se ao usuário quer ao professor, incluindo, ou não, exercícios concretos.

Quanto aos relatos de pesquisa, temos que diferenciar três tipos de investigações:

2.a) verificações de opiniões e atitudes dos usuários com relação aos dicionários; quer-se saber, por exemplo, que tipos de dicionário eles usam, quantos possuem, quantas vezes usam, em que situações usam, que dificuldades sentem, quais críticas têm a fazer, o que gostariam de ver melhorado;

2.b) estudos da utilização efetiva (real) de dicionários;

2.c) pesquisas sobre o efeito do uso do dicionário.

Pode-se acrescentar ainda um tipo de estudo que se preocupa não com os usuários reais, e sim com os eventuais, ou seja, que verifica nos dicionários o que um aprendiz, ou outra pessoa, encontra se, ou quando, os consultar. Os numerosos artigos que descrevem e/ou comparam *learner's dictionaries* podem ser incluídos nessa categoria de estudos.²

Infelizmente, esses diversos tipos de trabalhos muitas vezes não são diferenciados nas citações. Assim, quando se lê, num artigo, por exemplo, que “segundo o autor XYZ, o uso de dicionários é prejudicial”, não fica claro se isso é apenas uma opinião do autor XYZ ou se é o resultado de uma pesquisa empírica. Frequentemente são confundidos também os resultados dos três tipos de pesquisas mencionados em (2).

Uma falha muito grave são as generalizações indevidas. Vários especialistas em ensino de línguas – e, repetindo-os, alguns professores – desaconselham o uso de dicionários. Essa opinião se baseia em certas idéias a respeito de ensino/aprendizagem de LE, sem, muitas vezes, ter um fundamento empírico. A opinião pode até ser válida em determinada situação, mas erroneamente é generalizada, ou seja, considerada correta em todas as situações de aprendizagem.

Nas pesquisas – e nas afirmações – sobre a utilização de dicionários por aprendizes de LE, devem ser levados em conta, e explicitados, os seguintes fatores:

- lugar da aprendizagem: no seu próprio país (= LE) ou no exterior (L2);
- tipo de usuário (e suas respectivas habilidades lingüísticas): criança; adulto; aprendiz iniciante/intermediário/avançado;
- tipo de dicionário: monolíngüe (DM); bilíngüe (DB); semibilíngüe (DSB); simples (pouco informativo); mais informativo; especializado; eletrônico;
- língua: proximidade entre língua materna e língua estrangeira;
- habilidade de uso do dicionário: o usuário recebeu alguma instrução ou não?
- tipo de situação de uso: compreensão de leitura; redação; tradução (feita não por tradutores, mas por aprendizes); verção; compreensão auditiva; produção oral (todas essas situações podendo ser subdivididas em: [1] exercício/uso comum; [2] prova); aprendizagem do vocabulário;
- local: na sala de aula; fora da sala de aula.

É preciso dizer também que, quando se estuda o uso de dicionários, pensa-se geralmente no dicionário como um todo (ou, pelo menos, nos verbetes inteiros, de modo que são levadas em consideração todas as informações existentes neles), mas também há investigações sobre questões mais específicas, como o efeito de exemplos (Summers, 1988; Laufer, 1993), de palavras-guias (Tono, 1997a) ou de definições (Nesi, 2000). Além disso, foram realizados estudos sobre determinados dicionários (Rasmussen 1985).

3. Métodos

Vamos agora mencionar brevemente os métodos empregados nas pesquisas.

Quando se verificam as *opiniões e atitudes* dos usuários – além de fatos como a posse de dicionários – costuma-se utilizar questio-

nários; quando o número de sujeitos é pequeno, pode-se fazer entrevistas; às vezes, usam-se entrevistas como meio de verificação dos dados coletados em questionários.

Para se estudar a *utilização real* de dicionários, um bom método seria a filmagem durante a atividade do usuário, junto com um protocolo verbal. Obviamente, isso só é viável com poucos sujeitos. O método mais usado é o protocolo verbal ou o protocolo retrospectivo, sendo que o retrospectivo é criticado porque implica a memória, que pode falhar. Tanto nesse tipo quanto no protocolo feito durante as consultas, há uma certa subjetividade, ou seja, o usuário pode nem estar consciente do que está fazendo exatamente. Hoje em dia, dispendo-se de dicionários eletrônicos, a utilização pode ser verificada eletronicamente, pois todas as consultas podem ser registradas. Entretanto, esses registros não revelam os motivos exatos das consultas; por isso, seria bom que os usuários anotassem, a cada consulta, o motivo, o que, novamente, leva a resultados não completamente objetivos. Porém, sem dúvida, o aproveitamento do meio eletrônico é uma grande vantagem. Por outro lado, o registro eletrônico não se aplica aos dicionários tradicionais – que ainda são a maioria.

O assunto mais importante e mais difícil a ser estudado é o *efeito do uso* do dicionário, *efeito* querendo dizer: a utilização de dicionários, ou de certos tipos de dicionário, melhora ou piora o desempenho do usuário, ou não tem influência?

Para se medir a eficácia dos dicionários, é preciso fazer testes. Uma possibilidade é solicitar ao mesmo grupo de sujeitos executar uma tarefa, uma vez sem, a outra vez com dicionário (ou um com um certo tipo de dicionário, o outro com um outro tipo); outra possibilidade é dividir os sujeitos em dois ou mais grupos, um trabalhando sem dicionário, o(s) outro(s), com dicionário, ou com diversos tipos de dicionários.

A forma de avaliação dos testes é problemática. Para a compreensão de leitura, por exemplo, que é o assunto mais estudado, usam-se muitas vezes testes de múltipla escolha. Mas tais testes

podem facilitar a compreensão, a qual, então, não é medida objetivamente. Outras vezes, foi usada uma tradução para a língua materna para avaliar a compreensão; porém, nesse caso, não é avaliada a compreensão, e sim a tradução.

Em várias pesquisas, os sujeitos não usam verdadeiros dicionários, e sim folhas nas quais há cópias de alguns verbetes – o que permite investigar certos fatos, mas não corresponde ao uso de dicionários em situações reais.

Enfim, é extremamente difícil e complicado obter dados objetivos e confiáveis sobre o efeito do uso na aprendizagem de línguas estrangeiras.

4. Alguns exemplos

Depois dessas considerações gerais, vejamos, como amostra, algumas pesquisas empíricas.

Pretendendo limitar-me a dicionários para aprendizes (DLE), surge uma dificuldade: em alguns casos, os autores não deixaram claro qual tipo de dicionário os sujeitos estavam utilizando (por exemplo, Tomaszczyk 1979). Por isso, vou me restringir a citar estudos que tiveram como foco evidente *learner's dictionaries*.

Aquelas pesquisas que pertencem à categoria 2.a (cf. *supra*) foram importantes quando não se sabia nada sobre os usuários – e continuam importantes, por exemplo, no Brasil, onde faltam conhecimentos sobre a relação dos alunos com os dicionários – mas, tendo em vista a falta de espaço e o fato de que quase todos esses estudos se referem a situações particulares em outros países, abs-tenho-me de relatar os resultados. Fazem parte desse tipo de pesquisa: Kharma (1985), Iqbal (1987), Taylor (1988), Battenburg (1991), Fan (2000), Komuro & Yamada (2000).

Já pesquisas sobre a *utilização efetiva* de dicionários (categoria 2.b) parecem-me mais interessantes, de modo que passo a resumir duas – muito sucintamente – a título de exemplo.

a) TONO (1984)³

Quando Tono fez seu estudo no Japão, os alunos de inglês naquele país usavam quase exclusivamente DB, os quais eram melhores do que os DB comuns, pois ofereciam mais informações, podendo ser chamados de pedagógicos (cf. Komuro & Yamada). Assim, o autor queria verificar de que maneira os aprendizes usam tais dicionários de fato numa atividade receptiva, a saber, numa tradução L2-L1 (ou compreensão de leitura mostrada mediante a tradução L2-L1). Para isso, adotou o seguinte procedimento: os 402 sujeitos tinham que traduzir um texto do inglês para o japonês, no qual tinham sido incluídas 16 palavras imaginárias, que, portanto, tinham que ser consultadas. Como elas não existem, Tono preparou oito “minidicionários” que traziam, além de alguns lemas comuns, verbetes dessas palavras. Em todos esses “dicionários” – dos quais os alunos receberam cópias – havia, pelo menos, e na maioria das vezes, dois equivalentes para cada lema inventado. Em sete dos “DB”, existiam ainda uma ou mais diferentes informações: diversos tipos de esclarecimentos morfossintáticos, colocações, palavras derivadas, expressões idiomáticas, exemplos. Ao final da atividade, os sujeitos preencheram um questionário, no qual, entre outras questões, explicaram como tinham procedido durante as consultas. Os resultados foram os seguintes:

- Os sujeitos sempre escolheram o primeiro equivalente desde que as informações adicionais não sugerissem outro;
- essas informações adicionais foram aproveitadas bem mais pelos estudantes do curso de Letras-Inglês (que mostraram, portanto, ter maior habilidade de consulta);
- as semânticas foram mais aproveitadas do que as gramaticais;
- os exemplos pareciam mais atrapalhar do que ajudar; sobretudo exemplos mais longos fizeram com que os sujeitos dessem preferência ao primeiro equivalente.

b) NEUBACH & COHEN (1988)⁴

Os sujeitos de Neubach & Cohen eram seis alunos israelenses de um curso de Inglês para Fins Acadêmicos na Universidade Hebraica de Jerusalém: dois de nível avançado, dois de nível intermediário e dois de nível mais baixo.

Foram usados dois DLE (a saber, o *Longman Active Study Dictionary*, pelos alunos mais fracos, e o *Collins English Learners' Dictionary*, pelos estudantes dos níveis intermediário e avançado) e um DB, que todos podiam consultar.

Havia duas tarefas. Em cada uma delas, os sujeitos tinham que dizer o que estavam fazendo (esses protocolos verbais foram gravados), e após cada uma houve uma entrevista na qual os autores fizeram perguntas a respeito dos procedimentos adotados e das atitudes dos alunos a respeito do uso dos dicionários.

Na primeira tarefa, os sujeitos tinham que ler dez frases. Em cada uma delas, uma palavra polissêmica, que estava sublinhada, tinha que ser consultada – mesmo que os alunos já a conhecessem –, primeiro, no DLE, depois, no DB. As palavras polissêmicas haviam sido escolhidas porque Neubach & Cohen queriam investigar as dificuldades que os usuários têm quando existem várias acepções. Em seguida, os sujeitos tinham que traduzir essas palavras para o hebraico.

Na segunda tarefa, os estudantes tinham que ler um texto de 150 palavras, no qual dez lexemes pouco comuns estavam sublinhados. Dessa vez, eles estavam livres para usar um dos dicionários ou não. Depois, eles tinham que resumir o texto em hebraico.

Os resultados apresentados pelos autores são o resumo dos dados coletados pela análise dos protocolos, das entrevistas e das traduções. São os seguintes (segundo Nesi 2000: 38):

- Todos os sujeitos tentaram obter alguma pista pelo contexto antes de consultar os dicionários. Quando os usavam, problemas surgiram porque, às vezes, os alunos:
 - leram apenas a primeira definição no DLE;

- continuaram a consulta sem perceber que já haviam encontrado o significado certo;
- tiveram dificuldades, entre outras, com o vocabulário das definições, com a terminologia do DLE, com termos gramaticais, abreviaturas e a transcrição fonética (isso diz respeito a todos os seis sujeitos);
- não se sentiram seguros mesmo quando tinham encontrado a informação procurada num DLE ou no DB.
- Somente os alunos mais avançados tiraram proveito do uso dos dicionários; pelo contexto, eles já entenderam mais ou menos o sentido da palavra sublinhada e fizeram as consultas somente para aprofundar os conhecimentos.
- O uso do DB diminuiu com o aumento da competência lingüística em LE. Segundo Thumb (p. 12), mesmo os alunos intermediários preferiram o DB, mas usaram o DLE quando não entenderam ou não estavam satisfeitos com a informação dada no DB. Os aprendizes mais fracos só consultaram os DB.

Além de algumas falhas, o ponto fraco dessa pesquisa é, obviamente, o número extremamente reduzido de sujeitos.

Depois desses dois estudos sobre a utilização efetiva de dicionários, resumo algumas pesquisas sobre o *efeito do uso*. Tais investigações não são numerosas, e sobre DLE há ainda menos. Diversas foram realizadas sobre questões específicas, muito poucas sobre os DLE como totalidades.

c) BOGAARDS (1991)

Bogaards queria investigar principalmente o efeito do uso do *Dictionnaire de Français Langue Étrangère* (DFLE, um DLE de francês). Por isso escolheu como tarefa dos sujeitos a tradução L₁-L₂, pois o DFLE, devido a sua macroestrutura reduzida, presta-se mais – e especialmente – à produção de textos. O autor relata três estudos, mas resumirei apenas aquele referente à tradução.

Os sujeitos eram 44 estudantes neerlandeses. Com base nos dados de uma enquête, Bogaards constituiu quatro grupos: um usou um DB, o segundo, o DFLE, o terceiro, o *Petit Robert* (que é um DM para falantes nativos), e o quarto teve que traduzir sem utilizar nenhum dicionário. Aos alunos dos três primeiros grupos pediu-se que sublinhassem as palavras consultadas.

No texto a traduzir, que apresentava poucas dificuldades gramaticais, havia 17 palavras ou expressões que, supostamente, não faziam parte do vocabulário ativo dos estudantes, tendo, normalmente, que ser consultadas. Todos esses itens lexicais se encontravam nos três dicionários.

Resultados:

- O uso do dicionário (de qualquer um dos três) foi vantajoso. O grupo 4 cometeu muito mais erros.
- O DB levou a muito mais sucessos do que os DM.
- Os usuários do DFLE consultaram seu dicionário mais do que os do *Petit Robert* e acertaram mais (mas também cometeram um pouco mais de erros).

Bogaards faz o seguinte comentário (p. 100):

Parece claro que o DB convida mais a consultá-lo e dá respostas mais satisfatórias do que os DM. [...] Por um lado, [...] muitas vezes é impossível achar no DM uma palavra que não se conhece; por outro lado, os alunos que trabalham com o DB tendem a verificar nele até mesmo as palavras que eles conhecem.⁵

d) LAUFER & MELAMED (1994)

O objetivo do estudo foi investigar a eficácia de três tipos de dicionários – DB, DLE e DSB – tanto na recepção quanto na produção de textos.

O termo *recepção* refere-se não à compreensão de texto, e sim à atividade *consulta de palavras desconhecidas*, a qual corresponde exatamente ao que acontece durante a leitura. Os autores esclarecem muito bem por que, numa pesquisa sobre a eficácia de dicionários, preferiram dar uma tarefa desse tipo aos sujeitos: “[...] a apresentação de palavras desconhecidas [deve] ser feita fora de contexto para eliminar-se o efeito que o contexto pode ter sobre a compreensão.” (p. 566)

Os sujeitos eram 123 aprendizes de inglês israelenses, divididos, primeiramente, em um grupo de nível “pré-avançado” e um de nível avançado. Depois dos dois testes, eles foram divididos em três níveis de habilidade de consulta: pouca, média e boa habilidade.

Foram escolhidas 15 palavras raras, que os estudantes muito provavelmente não conheciam, devendo, portanto, consultá-las, e foi feito um teste de compreensão de múltipla escolha. Para cada palavra, havia três opções: uma correta, uma que indicava um significado semelhante e uma errada.

Resultados:

- Grupo 1 (alunos com pouca habilidade de consulta): para eles, o DSB foi significativamente melhor do que o DLE, e o DB bem melhor do que o DLE.
- Grupo 2 (alunos com habilidade média): o DSB foi significativamente melhor do que o DB, e também o DLE foi melhor do que o DB, mas pior do que o DSB.
- Grupo 3: Não havia diferenças estatisticamente significativas entre os 3 dicionários; mesmo assim, o DSB foi o melhor, e o DB, o pior.

A segunda tarefa dos sujeitos foi redigir frases com as palavras que tinham sido consultadas nos três tipos de dicionários.

Resultados:

- Não havia praticamente nenhuma diferença entre o DSB e o DB. Ambos foram significativamente melhores do que o DLE.

- Não havia diferenças entre o grupo A (alunos de nível “pré-avançado”) e o grupo B (alunos de nível “avançado”).
- Grupo 1 (alunos com pouca habilidade de consulta): para eles, o DB foi melhor que o DSB e significativamente melhor do que o DLE.
- Grupo 2 (alunos com habilidade média): o DSB foi levemente mais eficaz do que o DB e significativamente melhor do que o DLE.
- Grupo 3: O DSB foi levemente mais eficaz do que o DLE; o DB foi o menos eficaz; mas as diferenças não foram estatisticamente significativas.

Tono (2001: 23) chama a atenção sobretudo para o fato de que o DB usado era um dicionário bem fraco, não contendo outras informações além dos equivalentes, ao passo que há DB – por exemplo, os japoneses – bem mais ricos. Se tivesse sido um desses, os resultados poderiam ser diferentes.

e) BOGAARDS (1998)

Bogaards queria investigar o efeito da organização de verbetes longos de certos DLE de inglês sobre o sucesso das consultas durante a leitura. Os sujeitos da pesquisa eram 54 alunos neerlandeses do final do ensino médio.

Os DLE eram o CIDE, o COBUILD, o LDOCE e o OALD, cujas estruturas de acesso⁶ variam de um para o outro. Bogaards explica (p. 556):

[...] os sign posts⁷ e os menus no LDOCE e as guide words no CIDE tentam guiar os usuários o mais rapidamente possível à parte do verbete que possa-lhe ser mais útil. No COBUILD, o elemento que mais chama a atenção é a coluna extra, que contém principalmente informações gramaticais. Com exceção de alguns verbetes muito longos, o OALD não oferece nenhuma informação especial para guiar o usuário.

O autor selecionou 20 palavras inglesas de alta frequência e de muitas acepções. Cada uma dessas palavras foi inserida num contexto, numa frase, em que cabia uma das acepções mais raras, presumivelmente desconhecida.

Os sujeitos receberam 20 folhas de papel. Em cada folha, constava: uma das 20 palavras inseridas numa frase; a tradução da frase, com uma lacuna no lugar do equivalente neerlandês; uma cópia do respectivo verbete de um dos quatro dicionários; acima e abaixo de tudo isso, uma linha em que deveria ser indicado o horário do início e do final da tarefa (a qual era encontrar o significado de cada palavra), e, por último, uma linha em que deveria ser anotado o equivalente neerlandês. Fazia parte da tarefa também sublinhar a informação que eles iam usar para resolver a questão.

Havia quatro versões do teste. Em cada versão, as palavras (isto é, as folhas) estavam em ordem diferente, e para cada grupo de cinco palavras havia o verbete de um dicionário diferente. Assim, havia o verbete de um dicionário diferente para cada palavra. As quatro versões foram distribuídas aos alunos aleatoriamente.

No quadro seguinte constam primeiro o número de casos em que o local da aceção correta foi encontrado (sendo que o máximo total seria 1.080, isto é, o número de sujeitos vezes o número de palavras) assim como a média de segundos que duraram as consultas:

	Número de consultas válidas	Média de segundos gastos
CIDE	221	44,79
COBUILD	204	50,50
LDOCE	208	42,30
OALD	181	52,42

Tabela 1

Percebe-se já que o CIDE e o LDOCE foram bem melhores, nos dois quesitos, do que o OALD, o COBUILD estando no meio.

Eis os resultados referentes à exatidão das respostas (com as porcentagens calculadas em relação às consultas consideradas válidas):

	Errado	Quase correto	Correto	Sem resposta
CIDE	7	14	71	8
COBUILD	8	21	61	10
LDOCE	8	17	70	5
OALD	8	18	69	5

Tabela 2

Bogaards chega à seguinte conclusão (p. 560):

O LDOCE e o CIDE, que possuem estruturas de acesso baseadas em princípios semânticos, dão os melhores resultados: os alunos acham a informação procurada mais freqüentemente e gastam menos tempo para achá-la. O único dicionário sem nenhum princípio claro para guiar o usuário, o OALD, tem o menor sucesso: mais freqüentemente os alunos não acham o que procuram, e eles levam mais tempo [...], apesar de haver menos texto a ser percorrido e o número de linhas a serem lidas antes de se chegar à informação relevante ser muito menor do que nos outros dicionários. O COBUILD, que tem um sistema baseado principalmente em fatos gramaticais, está entre esses dois extremos. [...] [Porém] o COBUILD parece dar descrições menos claras dos significados envolvidos do que os outros dicionários.

f) NESI (2000)⁸

Visto que existem diversos estilos definitórios nos DLE, a autora queria verificar se as diferenças influem nas consultas e na produção escrita. Ela escolheu os *learner's dictionaries* OALD (4^a ed.), LDOCE (2^a ed.) e COBUILD (1^a ed.). O tipo de definição nos dois primeiros é parecido – mas as definições do OALD são consideradas mais “abreviadas e fragmentadas” (p. 75) – ao passo que no COBUILD há definições em forma de frases inteiras. A hipótese era que essas últimas seriam mais vantajosas.

Depois de um teste piloto, Nesi escolheu 18 palavras raras e colocou ao lado de cada uma delas uma palavra comum. Os 51 sujeitos – de quase igual proficiência – foram solicitados a escreverem uma frase com cada um desses trinta pares de lexemas. Eles podiam consultar qualquer um dos três dicionários. O experimento foi feito em computador, de modo que todas as consultas puderam ser registradas. As frases escritas pelos sujeitos foram avaliadas por três juízes.

A autora mostra e analisa vários tipos de erros cometidos na redação das frases, reconhecendo que os juízes acharam muito difícil decidir se elas eram corretas ou não. Mas o importante é que a hipótese foi invalidada, pois havia uma “fortes indícios de que existe pouca diferença na inteligibilidade” (p. 92) entre os três dicionários, ou melhor, entre os três estilos definitórios.

5. Observações finais

Tendo em vista que alguns autores que escreveram sobre o uso de dicionários fizeram afirmações que se baseiam em diversos tipos de trabalhos – artigos de opinião, de um lado, e várias categorias de pesquisas empíricas, do outro – sem assinalarem as profundas diferenças entre eles, pretendi, primeiro, chamar à atenção para a necessidade de diferenciação, a fim de não ocorrerem generalizações indevidas. Em seguida, além de mostrar quais métodos costumam ser usados nas investigações, resumi algumas delas para que se tenha uma idéia dos métodos empregados e dos resultados, os quais, via de regra, não podem ser expressos em uma única frase (do tipo “DB são mais úteis”), pois vários fatores têm que ser levados em conta. Devido à falta de espaço, não foi possível avaliar as pesquisas criticamente.

Embora existam numerosos trabalhos sobre a utilização de dicionários (entre eles, muitas descrições e comparações de DLE), há poucas investigações empíricas sobre a sua eficácia. Fazem

parte delas diversos estudos de questões específicas – como a influência de estilos definitórios ou de exemplos – ao passo que a eficácia do dicionário como um todo, e sobretudo do DLE, foi pouco pesquisado. Portanto, há um vasto campo a ser explorado.

Notas

1. Nem todos os trabalhos citados por esses autores são relatos de pesquisas.
2. Segundo Dolezal & McCreary (1999: 144s.), havia, em 1999, 44 estudos comparativos, alguns dos quais são pesquisas empíricas.
3. Baseio esse resumo no relato constante em Tono (2001: 143-166).
4. Este resumo é baseado em Nesi (2000: 37s.) e Thumb (2004: 12s.).
5. Todas as traduções são minhas.
6. O conceito de *estrutura de acesso* (*access structure* em inglês, *Zugriffsstruktur* em alemão), provavelmente criado por Wiegand, refere-se àqueles componentes e sua organização que permitem ao consulente encontrar a informação procurada (cf. Hartmann & James 1998: 3). Quanto aos dicionários mencionados, veja sua história e outros detalhes em Welker (2004: 217ss.).
7. Os termos *signpost*, *menu* e *guide word* são explicados em Welker (2004: 211, 212, 221).
8. A pesquisa resumida aqui é relatada em Nesi (2000: 71-93).

Bibliografia

ATKINS, B. T. S. (ed.). *Using Dictionaries. Studies of Dictionary Use by Language Learners and Translators*. Tübingen: Niemeyer. 1998.

BATTENBURG, John D. *English Monolingual Learners' Dictionaries: a User-oriented Study*. Tübingen: Niemeyer. 1991.

BOGAARDS, Paul. Dictionnaires pédagogiques et apprentissage du vocabulaire. *Cahiers de Lexicologie* 59/2. 1991. p. 93-107.

_____. Scanning long entries in learner's dictionaries. In: T. Fontenelle et al. (eds.) *Actes EURALEX '98 Proceedings*. Vol. 2. Liège: Université de Liège. 1998. p. 555-564.

CIDE = *Cambridge International Dictionary of English*. Cambridge: Cambridge University Press. 1995.

COBUILD = *Collins COBUILD English Dictionary*. London: Collins. 1987.

DOLEZAL, Fredric T. & McCREARY, Don R. *Pedagogical Lexicography Today*. Tübingen: Niemeyer. 1999.

FAN, M. Y. The dictionary look-up behavior of Hong Kong students: A large-scale survey. *Education Journal* 28/1. 2000. p. 123-138.

HARTMANN, R. R. K. Four perspectives on dictionary use: a critical review of research methods. In: A. P. Cowie (ed.) *The Dictionary and the Language Learner*. Tübingen: Niemeyer. 1987. p. 11-28.

_____. JAMES, Gregory. *Dictionary of Lexicography*. London: Routledge. 1998.

HAUSMANN, Franz J. Lexikographie. In: C. Schwarze & D. Wunderlich (eds.) *Handbuch der Lexikologie*. Königstein/Ts.: Athenäum. 1985. p. 367-411.

IQBAL, Zafar. *Aspects of the Learner's Dictionary with Special Reference to Advanced Pakistani Learners of English*. [Tese de Doutorado] University of Aston, Birmingham. 1987.

KHARMA, Nayef N. Wanted: a brand-new type of learners' dictionary. *Multilingua* 4/2. 1985. p. 85-90.

KOMURO, Yuri & YAMADA, Shigeru. Dictionary Use for Production among Japanese College Students of English. *Kernerman Dictionary News* 8. 2000. Disponível em: < <http://www.kdictionaries.com/newsletter/kdn8-3.html> > . Acesso em: 25/01/2004.

LAUFER, Batia. The effect of dictionary definitions and examples on the use and comprehension of new L2 words. *Cahiers de lexicologie* 63. 1993. p. 131-142.

LAUFER, Batia & MELAMED, Linor. Monolingual, bilingual and ,bilingualised' dictionaries: which are more effective, for what and for whom? In: W. Martin (ed.) *EURALEX '94 Proceedings*. Amsterdam: Free University. 1994. p. 565-576.

LDOCE = *Longman Dictionary of Contemporary English*. London: Longman. 1978.

NESI, Hillary. Defining a Shoehorn: The Success of Learners' Dictionary Entries for Concrete Nouns. In: B. T. S. Atkins (ed.). 1998. p. 159-178.

_____. *The Use and Abuse of EFL Dictionaries*. Tübingen: Niemeyer. 2000.

NEUBACH, A. & COHEN, A. D. Processing strategies and problems encountered in the use of dictionaries. *Dictionaries* 10. 1988. p. 1-19.

OALD = *Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English*. Oxford: Oxford University Press. 1948.

RASMUSSEN, Jens. Enquête sur l'emploi du dictionnaire danois-français de Blinkenberg et Høybye. In: *Copenhagen School of Economics and Business Administration. Language Department Publication* 7. 1985. p. 130-154.

RIPFEL, Martha & WIEGAND, Herbert E. Wörterbuchbenutzungsforschung. Ein kritischer Bericht. *Germanistische Linguistik* 87-90. 1988. p. 491-520.

SUMMERS, Diane. The role of dictionaries in language learning. In: R. Carter & M. McCarthy (eds.) *Vocabulary and Language Teaching*. London: Longman. 1988. p. 111-125.

TAYLOR, A. J. Learners and English dictionaries: Some assumptions and challenges. *ILE Journal* 10. 1988. p. 88-92.

THUMB, Jenny. *Dictionary Look-Up Strategies and the Bilingualised Learner's Dictionary*. A Think-aloud Study. Tübingen: Niemeyer. 2004.

TOMASZCZYK, Jerzy. Dictionaries: Users and Uses. *Glottodidactica* 12. 1979. p. 103-119.

TONO, Yukio. *On the Dictionary User's Reference Skill*. [B. Ed. Dissertation] Tokyo Gakugei University, Tóquio. 1984.

_____. *Bibliography of Dictionary User Studies*. 1997. Disponível em: < <http://leo.meikai.ac.jp/~tono/userstudy/userbiblio.htm> > . Acesso em: 08/01/2005.

_____. Guide Word or Signpost? : an experimental study on the effect of meaning access indexes in EFL learners' dictionaries. *English Studies* 28. 1997a. p. 55-77.

_____. *Research on Dictionary Use in the Context of Foreign Language Learning*. Focus on Reading Comprehension. Tübingen: Niemeyer. 2001.

WELKER, Herbert A. *Dicionários. Uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília : Thesaurus. 2004.

_____. Pesquisando o uso de dicionários. *Linguagem & Ensino* 9.2. (no prelo)

WIEGAND, Herbert E. Zur handlungstheoretischen Grundlegung der Wörterbuchbenutzungsforschung. *Lexicographica* 3. 1987. p. 178-227.

_____. Der gegenwärtige Status der Lexikographie und ihr Verhältnis zu anderen Disziplinen. In: Hausmann, F. J. et al. (ed.) *Wörterbücher: ein Internationales Handbuch zur Lexikographie*. – Dictionaries: an International Handbook on Lexicography. Vol. 1. Berlin / New York: de Gruyter. 1989. p. 246-280.

_____. *Wörterbuchforschung. Untersuchungen zur Wörterbuchbenutzung, zur Theorie, Kritik, Geschichte und Automatisierung von Wörterbüchern. Bd. 1.* Berlin: de Gruyter. 1998.